

— | — | —

— | — | —

## Espaços da Memória Negra Em Maceió



espaços de  
**Memória  
Negra**  
em Maceió



Copyright @ 2022 INEG/AL

**Capa e diagramação**  
Marcelo Ferreira Marques

**Fotos**  
Jéssica Conceição e Marcelo Ferreira Marques

**Pesquisa e textos**  
Paulo Victor

**Revisão**  
Marcelo Ferreira Marques

**Coordenação**  
Mariana Marques e Ana Clara Alves

**Assistente de Coordenação**  
Jeferson Santos

Fonte das imagens antigas: internet.

Realização



Apoio financeiro



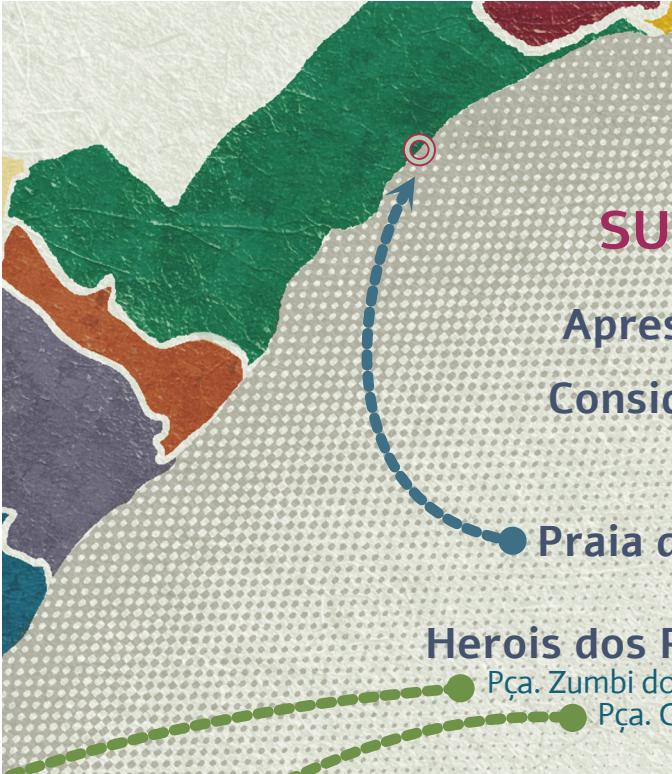
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA



MINISTÉRIO DO TURISMO

# Espaços da Memória Negra em Maceió





## SUMÁRIO

Apresentação [6]

Considerações Iniciais [8]

**Praia da Sereia** [10]

**Herois dos Palmares**

Pça. Zumbi dos Palmares &  
Pça. Ganga Zumba

[16]

**Praça Dandara** [22]

**Praça Unidos do Poço** [26]

**Jangadeiros Alagoanos** [30]

**Praça 13 de Maio**  
Estátua da Mãe Preta [38]

**Praça Carlos Paurílio** [44]

**Praça Moleque Namorador** [52]

## Apresentação

O patrimônio histórico encontra-se presente no cotidiano das cidades de distintas formas. Seu conceito nos permite inferir que ele está em todos os lugares visíveis e não visíveis, nas pedras das ruas históricas, nas águas dos rios que margeiam as cidades, nos monumentos públicos espalhados pelo mundo, ou mesmo na memória dos lugares vivenciados pelas comunidades do passado e do presente.

Esta cartilha surge em meio aos novos debates acerca da renovação patrimonial, instigados, entre outros motivos, pelas derrubadas e remoções de estátuas nas manifestações de 2020 ao redor do mundo. A

presença de monumentos ligados a origens hegemônicas desde sempre e em todos os lugares nos faz questionar sobre a ausência de monumentos ligados a contextos negros, como também sobre o modo como estes, quando existentes, são contextualizados e apresentados socialmente. Pensar patrimônio é pensar sociedade e pertencimento, e ambos necessitam de um território para se desenvolver. E é nesse território que se realizam as produções materiais, o desenvolvimento tecnológico, as conexões religiosas, as festividades e os entrelaçamentos das relações.

Essa cartilha não se propõe a debater as investigações epistemológicas do espaço geográfico mas sim apresentar alguns dos agenciamentos e dos agentes que deram sentido à criação de 8 espaços públicos interligados às vivências das comunidades negras locais. “Espaços de Memórias Negras de Maceió” busca visibilizar as experiências das populações marginalizadas que participaram e participam ativamente da constituição espacial desta cidade, seja nos grandes centros ou em suas margens. É neles que encontramos de moleques carnavalescos a poetas, de amas pretas a figuras mitológicas, de Zumbi a Dandara.

À população negra alagoana, que poderá ler a presente cartilha, e aos seus ancestrais, dedicamos esta publicação.

Mariana Marques

# Considerações iniciais

**A**cartilha que você tem em mãos trata de monumentos, mesmo que você nunca tenha pensado nas praças ou estátuas aqui referidas dessa forma. Os monumentos, essas obras que os seres humanos, quase desde sempre, constroem nos espaços públicos para perpetuar a memória de certas pessoas e acontecimentos, fazem parte de nosso cotidiano.

Ao longo das páginas seguintes, o nosso interesse principal é abordar monumentos que tenham sido construídos na cidade de Maceió para fixar a memória de pessoas negras, de acontecimentos em que pessoas negras tenham sido protagonistas ou de símbolos da cultura afrobrasileira.

O inventário que trazemos não é definitivo e é, sobretudo, uma lista diminuta. Cada nome escolhido para batizar um espaço público implica numa tomada de decisão sobre o quê e quem deve ser lembrado. Ao construir um monumento, faz-se também a escolha a respeito de como lembrar cada pessoa e cada fato, escolha expressa na maneira como são representados. São decisões tomadas em certa época, em certo contexto e, sobretudo, por certas pessoas. Esses tomadores de decisão quase sempre não são negros.

Apesar disso, existem alguns monumentos que dizem respeito às pessoas negras. Isso não significa que tenham surgido exclusivamente da

vontade e interesse da elite dominante. É exatamente o contrário. Eles existem contra os interesses dominantes. Ou talvez mais exatamente numa negociação entre os maceioenses negros que se queriam representar e a representação que foi possível obter.

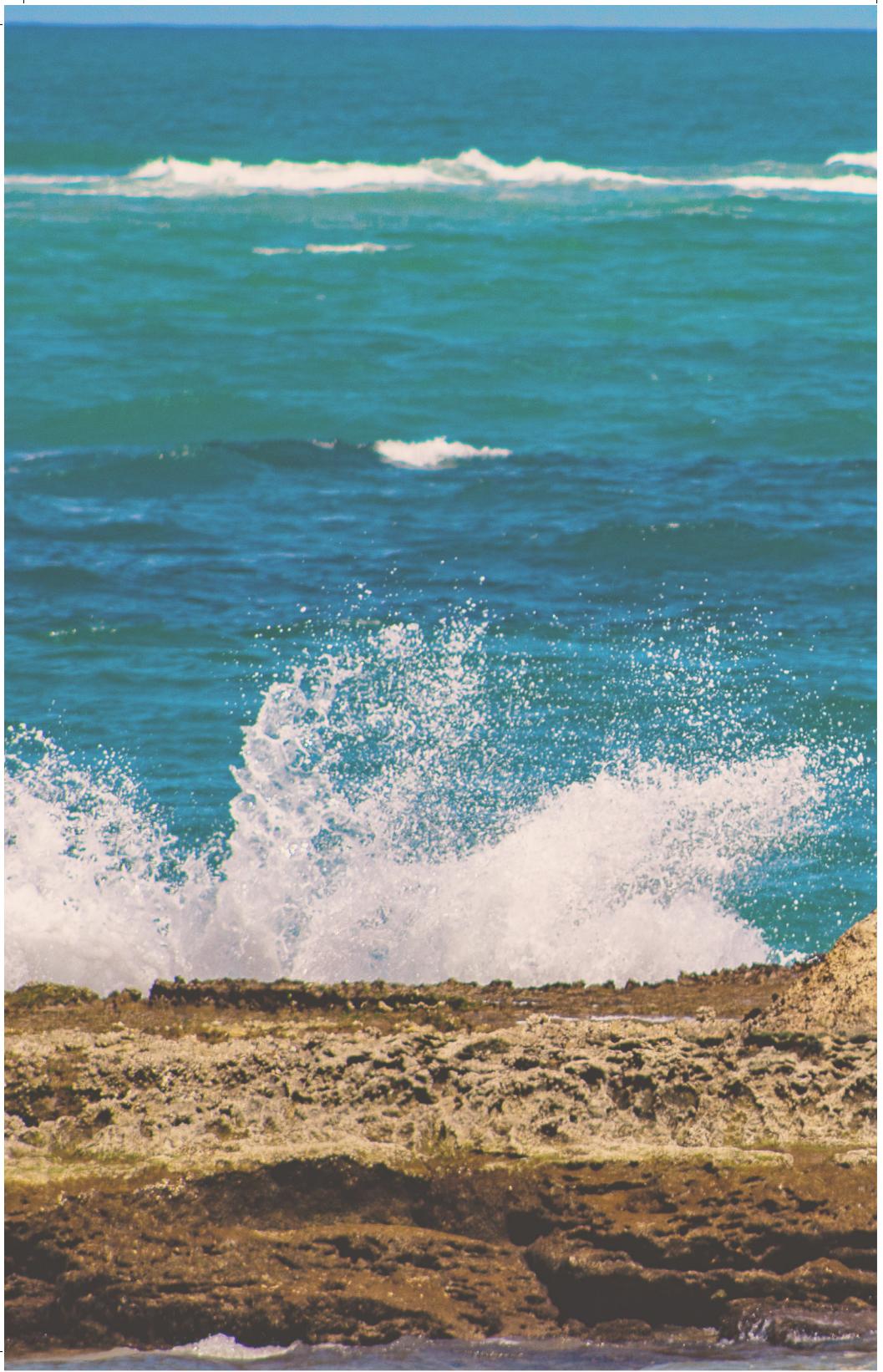
Se não fomos nós que projetamos e executamos essas obras, somos nós que convivemos hoje com elas nas ruas da cidade. É a nós que elas se dirigem contando uma história. Portanto é a nós que compete iniciar um processo de ressignificação crítica, um diálogo acerca de quanto nos sentimos ou não sentimos representados e representadas.

Isso é necessário inclusive porque esses monumentos irão permanecer, ainda que o estado material de alguns deles nos indiquem claramente quão abandonados estão.

Ao referenciar esses monumentos, queremos apresentá-los a quem por acaso não os conheçam e propor uma reflexão e mobilização em torno de seus significados e estado material.

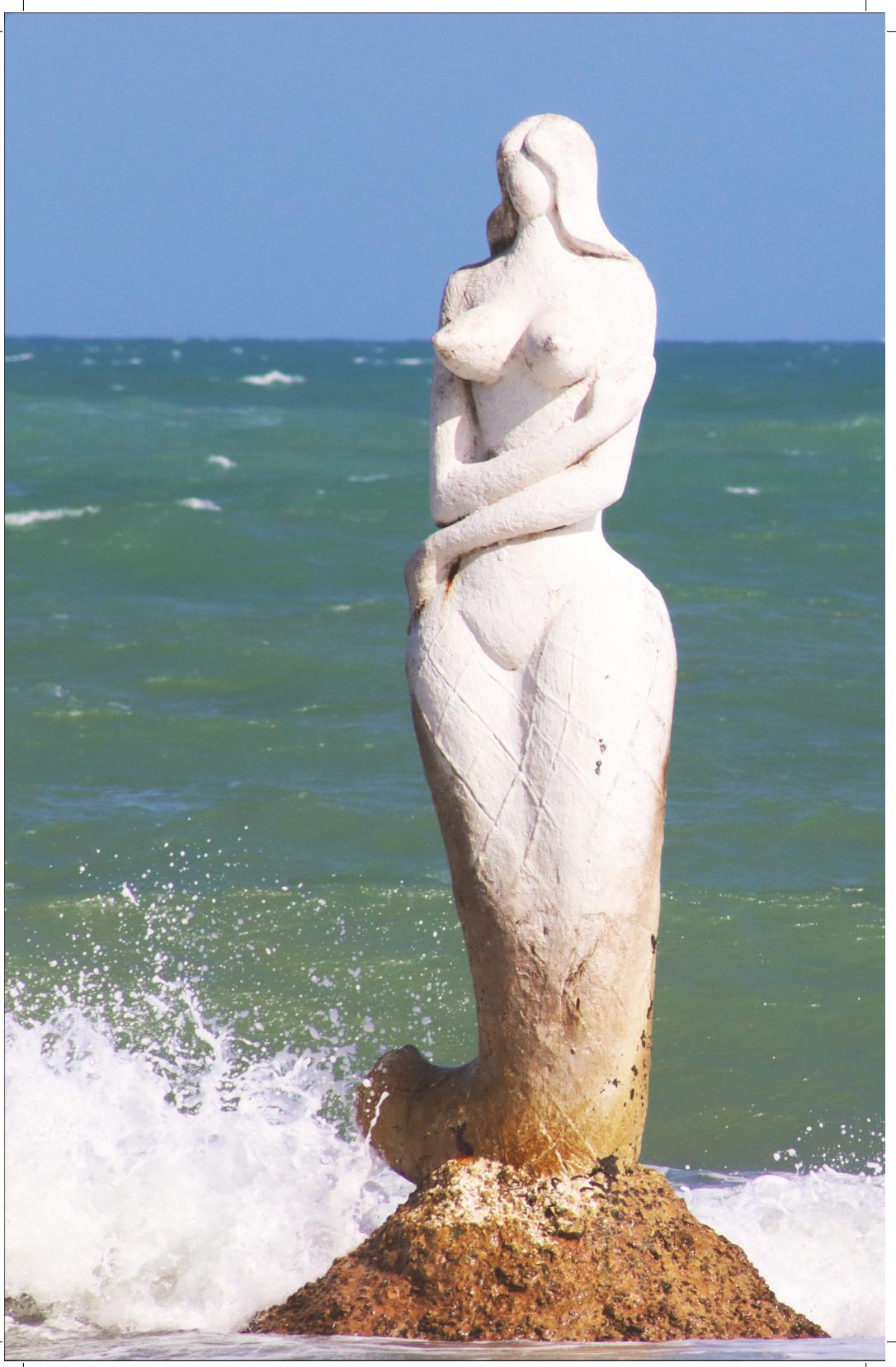
O INEG/AL, dando continuidade ao trabalho de promover a população negra de Alagoas, pretende, com esta publicação, colaborar com o escasso debate patrimonial acerca da presença negra nos espaços públicos de Maceió.

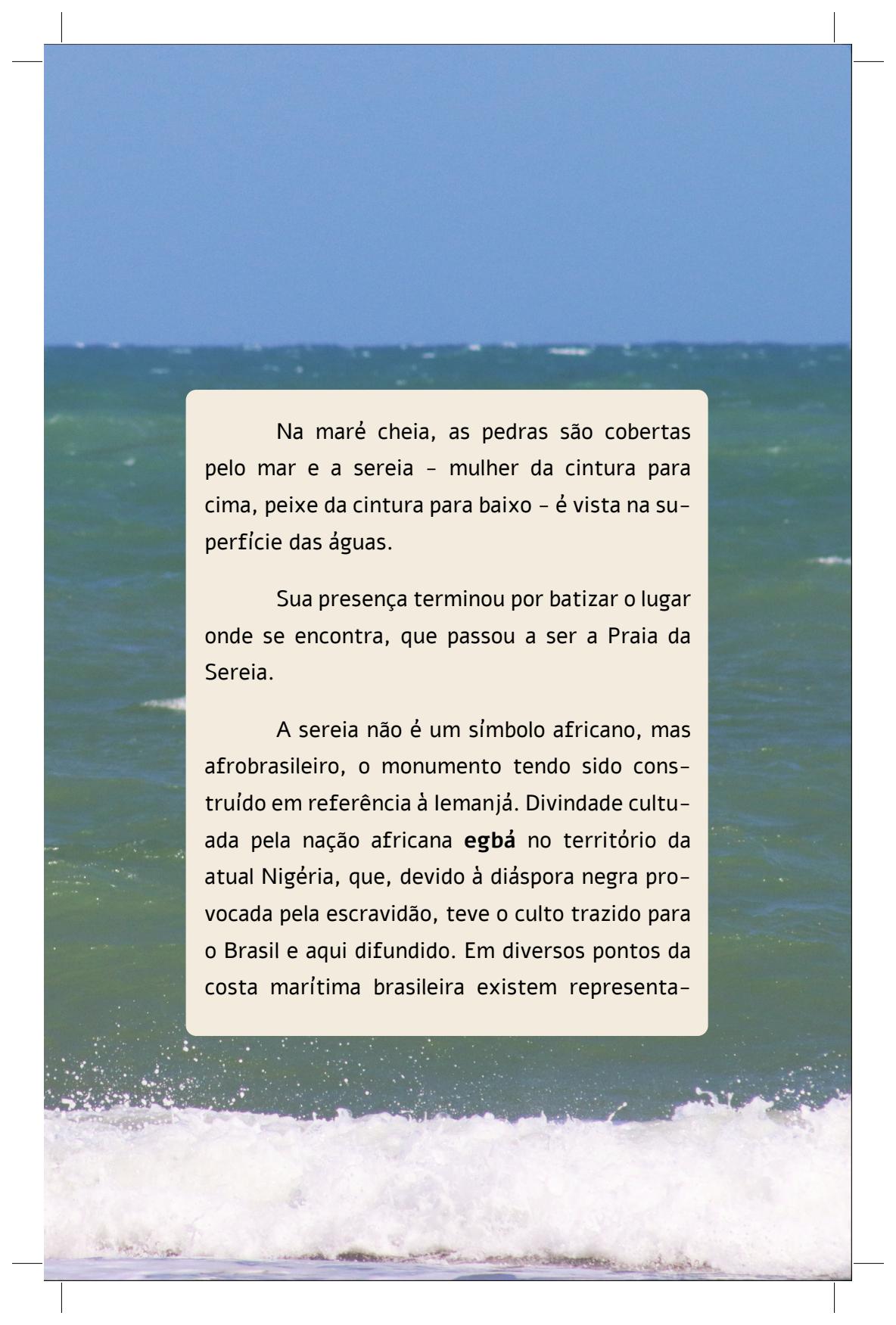
Paulo Victor



# Praia da Sereia

**Em 1964, quando da pavimentação do trecho da AL 101 Norte entre Maceió e Paripueira, foi construído em Riacho Doce, após a ponte sobre o Rio Pratagy, um mirante para a praia quase deserta onde foi colocada, por cima dos rochedos, a estátua de uma sereia de quase quatro metros de altura, esculpida em concreto por José Corbiniano Lins.**





Na maré cheia, as pedras são cobertas pelo mar e a sereia – mulher da cintura para cima, peixe da cintura para baixo – é vista na superfície das águas.

Sua presença terminou por batizar o lugar onde se encontra, que passou a ser a Praia da Sereia.

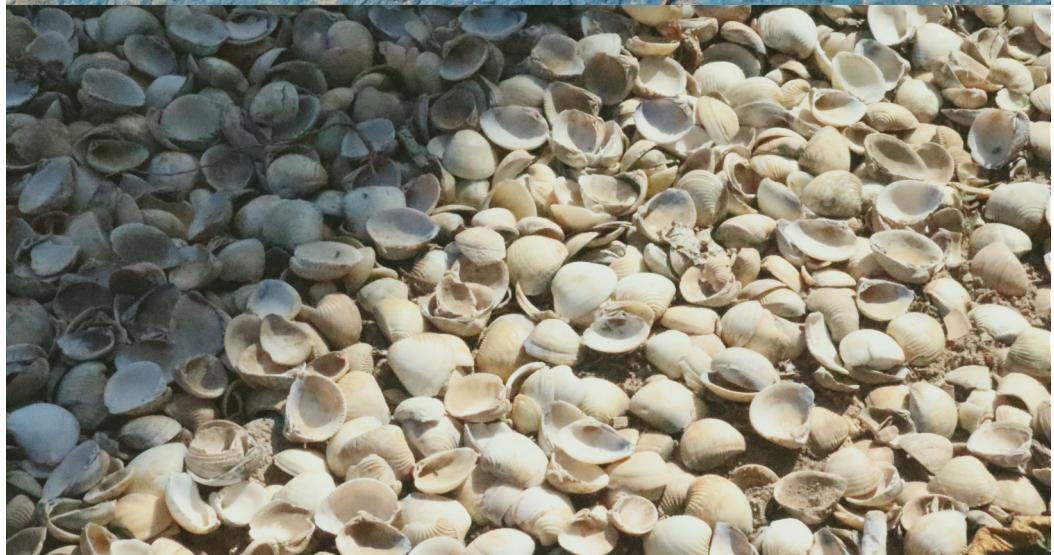
A sereia não é um símbolo africano, mas afrobrasileiro, o monumento tendo sido construído em referência à lemanjá. Divindade cultuada pela nação africana **egbá** no território da atual Nigéria, que, devido à diáspora negra provocada pela escravidão, teve o culto trazido para o Brasil e aqui difundido. Em diversos pontos da costa marítima brasileira existem representa-

ções dessa divindade, nas quais quase nunca são evidenciadas suas origens africanas, como é o caso da sereia maceioense.

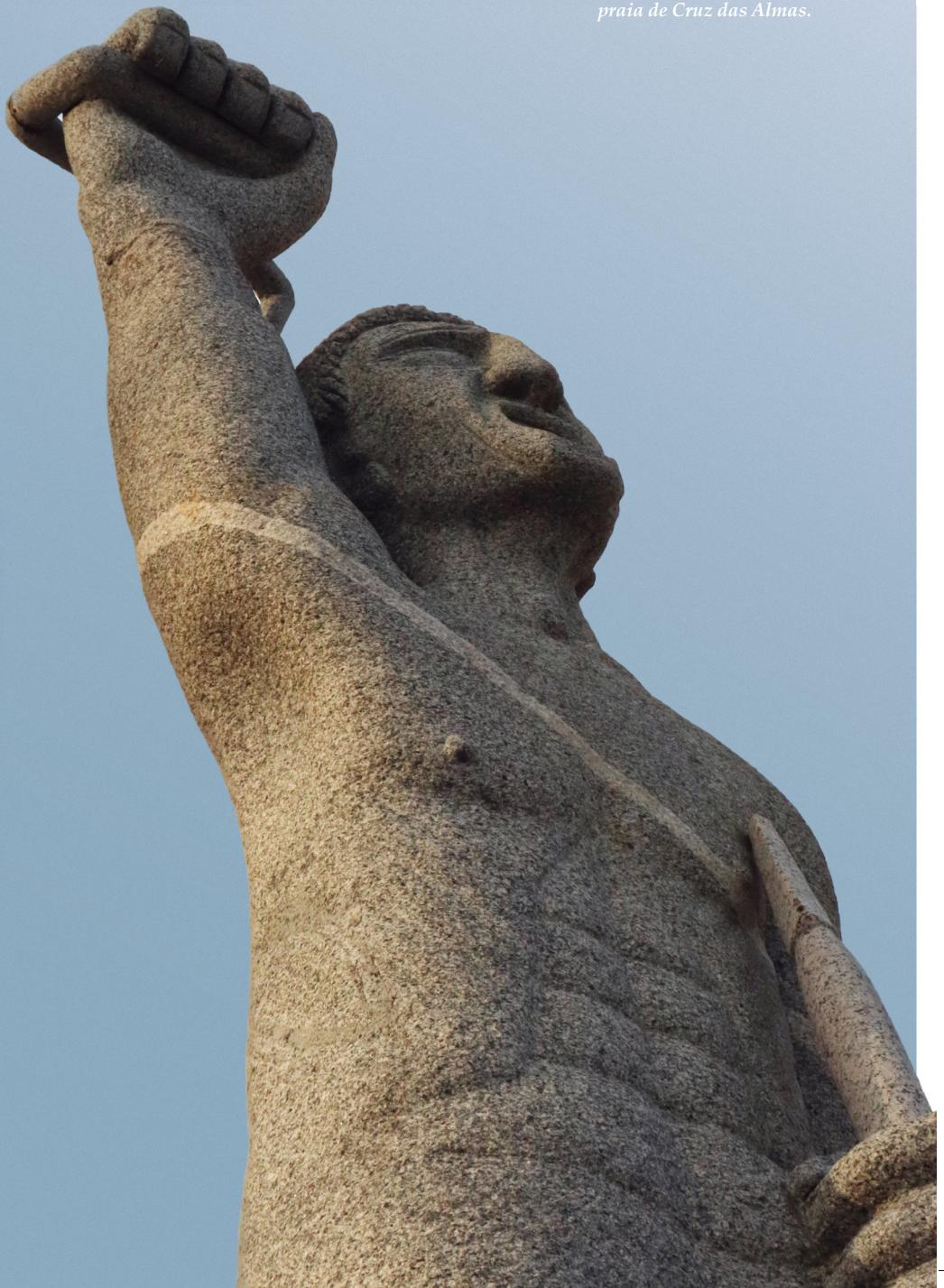
Também em diversas praias brasileiras são realizadas festas religiosas dedicadas à lemanjá. Essas festas se destacam por serem das poucas ocasiões em que os cultos religiosos afrobrasileiros são realizados fora dos templos. No caso de Maceió, elas ocorrem no dia 08 de dezembro na Praia de Pajuçara.

Nos meados da década de 1960, o governo do Estado de Alagoas tentou dar destaque à festa maceioense de lemanjá, que foi anunciada na imprensa nacional como “a maior concentração de filhas de lemanjá que o Nordeste já assistiu”. Entretanto, a propaganda vinha acompanhada da tentativa de transferir as festas da praia de Pajuçara, então cada vez mais valorizada, para a erma praia da Sereia, o que terminou não acontecendo.

*Página oposta, de cima para baixo:  
peixe pintado no chão do mirante  
próximo à escultura; conchas do chão do  
mirante; vista da escultura da sereia.*



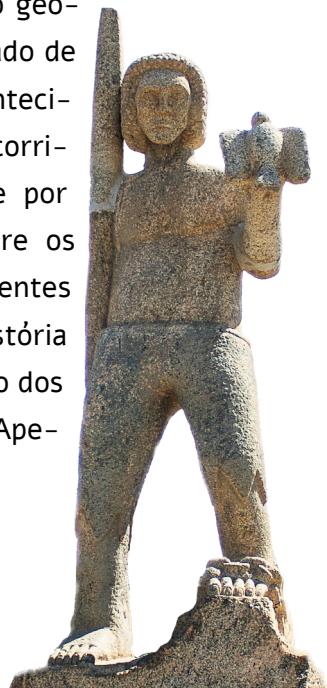
*Nesta página, escultura de Zumbi, na Praça dos Palmares, no Centro da Cidade. Página oposta, escultura de Ganga Zumba, na praça homônima, na praia de Cruz das Almas.*



# Os heróis dos Palmares

**O Quilombo dos Palmares foi o maior das Américas:** por seus significados enquanto resistência ao regime escravista e enquanto experiência de sociedade alternativa; por sua duração no tempo ao longo de um século; pelo contingente de pessoas que o constituíram ao longo de gerações; por sua extensão territorial.

Existiu exatamente no espaço geográfico que veio depois a ser o Estado de Alagoas, sendo, ainda hoje, o acontecimento histórico mais importante ocorrido nesse território. É exatamente por isso que chama atenção que, entre os monumentos aqui levantados, referentes a pessoas negras e fatos de sua história e cultura, os associados ao Quilombo dos Palmares sejam os mais recentes. Ape-



sar da imponência de sua história, a referência direta a Palmares é a que mais se demorou a fazer. Deve-se ao professor Edson Moreira a proposição de construção do monumento à Zumbi, na Praça dos Palmares, localizada no Centro de Maceió, e da construção da Praça Ganga Zumba, localizada no bairro de Cruz das Almas.

Os demais monumentos podem ser confundidos com os catálogos de “tipos pitorescos” ou “tipos populares”, que foram correntes até meados do século XX. Eram inventários que primavam por uma perspectiva exotizadora do negro. No caso dos monumentos feitos para celebrar a memória de líderes do Quilombo dos Palmares, o significado de enfrentamento da violência escravista fica evidente, bem como fica latente a analogia com a necessidade de enfrentamento da violência racial contemporânea.

Durante muito tempo a praça dos Palmares foi ocupada com apresentações culturais e debates promovidos por organizações negras, em especial no mês de novembro, mês da consciência negra.

*Página oposta, de cima para baixo:  
Vista da escultura em “Z”, que compõe o  
conjunto da praça dos Palmares; vista  
traseira da escultura de Ganga Zumba.*





Página oposta: imagens da Praça dos Palmares. Nesta página:  
imagens das Praça Ganga Zumba.





*Praça Dandara, com  
escultura de Nossa Senhora  
de Rosa Mística.*

# Praça Dandara dos Palmares

**As políticas de apagamento e extermínio contra a população negra** encontram-se em diferentes esferas; estendem-se dos locais sociais aos espaços territoriais. A eliminação da história negra em Alagoas também pode ser visualizada no apagamento dos já poucos locais públicos destinados a homenagear essa população, como, por exemplo, no caso da Praça Dandara dos Palmares. Criada a partir da lei 4.423, de 12 de maio de 1995, a Praça Dandara, localizada no bairro da Jatiúca, encontra-se em meio a um imbróglio judicial devido à proposta de lei Nº 168/2019, que resultou na substituição do seu nome para o de “Praça Nossa Senhora de Rosa Mística”.



ESTADO DE ALAGOAS  
PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ

LEI Nº 4.423, de 12 de maio de 1995

DA DENOMINAÇÃO

A CÂMARA MUNICIPAL DE MACEIÓ decreta e eu sanciono  
a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica denominada Praça DANDARA DOS PALMARES, o logradouro público localizado ao lado da construção da Igreja Nossa Senhora da Rosa Mística, conhecido como Parque Jatiúca, no bairro de Jatiúca, nesta cidade.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ, 12 de maio de 1995.

Ronaldo Lessa  
RONALDO LESSA  
Prefeito

Publicado no DOE  
B.I.S 1995

A mudança de nome obteve parecer favorável da Câmara Legislativa Municipal mesmo se tratando da violação dos artigos 85 e 86 da Lei Municipal nº 5.593, de 08 de fevereiro de 2007 (popularmente conhecida como Código de Urbanismo e Edificações do Município de Maceió), e da Lei Municipal nº 4.473, de 12 de dezembro de 1995, que proíbe qualquer alteração de denominação, "Uma vez conferida às denominações aos logradouros públicos".

A ação gerou a mobilização do INEG/AL e dos movimentos negros da capital que, unidos, apresentaram queixa à 66<sup>a</sup> Promotoria de Justiça e ainda hoje reivindicam a retomada do antigo nome ao espaço. O patrimônio histórico, esteja ele representado na materialidade de seus monumentos, na especialidade de suas praças ou mesmo na simbologia histórica evocada por nossos heróis e heroínas negras, tem por obrigação auxiliar em uma construção social mais justa. A renomeação do espaço, do modo como foi realizado, configura-se como uma afronta à representatividade emblemática de uma das personagens mais significativas da história de Palmares, símbolo de uma luta que perdura até os dias atuais.



# Praça Unidos do Poço

A **Praça Unidos do Poço**, localizada no bairro do Poço, em Maceió, tem sua fundação datada de 22 de novembro de 1961, durante a administração municipal de Sandoval Caju. Curiosamente, a data de criação da Praça é quase a mesma data em que se comemora o dia da Consciência Negra, muito embora o debate em torno de tal data tenha se dado apenas a partir do final da década de 1970. A Praça recebe o nome da escola de samba Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Poço, fundada em 15 de novembro de 1955 e, assim como outras manifestações cul-

turais dos primeiros anos do século XX, tem na comunidade negra daquele bairro seus principais agentes de criação da agremiação carnavalesca. É a escola de samba mais antiga ainda em atividade em Alagoas. Em sua logomarca pode-se notar uma mão negra cumprimentando uma mão branca. Um de seus fundadores, o Sr. Bio Amorim, nos deixou no começo deste ano. Fica aqui nossa homenagem.





*Detalhe da Jangada, monumento de 2018.*

# Jangadeiros Alagoanos

**Umbelino, Joaquim, Eugênio e Pedro** foram quatro pescadores alagoanos que navegam a bordo de uma jangada desde Maceió até o Rio de Janeiro. Uma épica viagem que durou 98 dias. O ano era 1922 e comemorava-se o Centenário da Independência do Brasil.

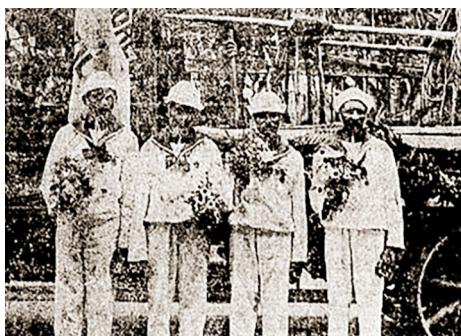
No âmbito das celebrações, a Confederação Geral dos Pescadores do Brasil organizou um “raid dos jangadeiros” no qual pescadores, utilizando suas embarcações de trabalho, partiram de diversos pontos do litoral brasileiro e rumaram até a então capital federal, a cidade do Rio de Janeiro. Entre os portos de origem estavam Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Para além de celebrar o marco histórico, o raid fazia parte de um movimento social dos pescadores – estes majoritariamente negros – que, através do ganho de visibilidade, pleiteavam a regulamentação de sua profissão. Apoiados pela Marinha, os pescadores mostravam-se para a sociedade brasileira como os defensores civis do território litorâneo. Também estava em questão a organização das colônias de pescadores, associações formais de trabalhadores da pesca que chegariam a centenas, sendo dotadas de infraestrutura básica, com escolas primárias e postos de saneamento.

Tendo enfrentado intempéries no trajeto, os pescadores alagoanos chegaram ao Rio de Janeiro após o previsto, em dezembro de 1922, tendo recebido diversas homenagens e sido recebidos pelo Presidente da República – uma provável primeira recepção de trabalhadores da pesca pelo Chefe de Estado. Dez meses depois, o Decreto nº 16.183, de 25 de outubro de 1923, regulamentava a pesca no Brasil e estabelecia legalmente as colônias de pescadores

O mestre da embarcação, Umbelino José dos Santos tinha 45 anos e era natural de Passo

“ [...] os pescadores alagoanos chegaram ao Rio de Janeiro após o previsto, em dezembro de 1922, tendo recebido diversas homenagens e sido recebidos pelo Presidente da República.



Imagens da época do “raid” e fotos de Ubelino, Joaquim, Eugênio e Pedro.



DESTE LOCAL PAR-  
TIU A JANGADA IN-  
DEPENDENCIA PARA  
O RAID MACEIÓ RIO  
EM 27 DE AGOSTO DE  
1922

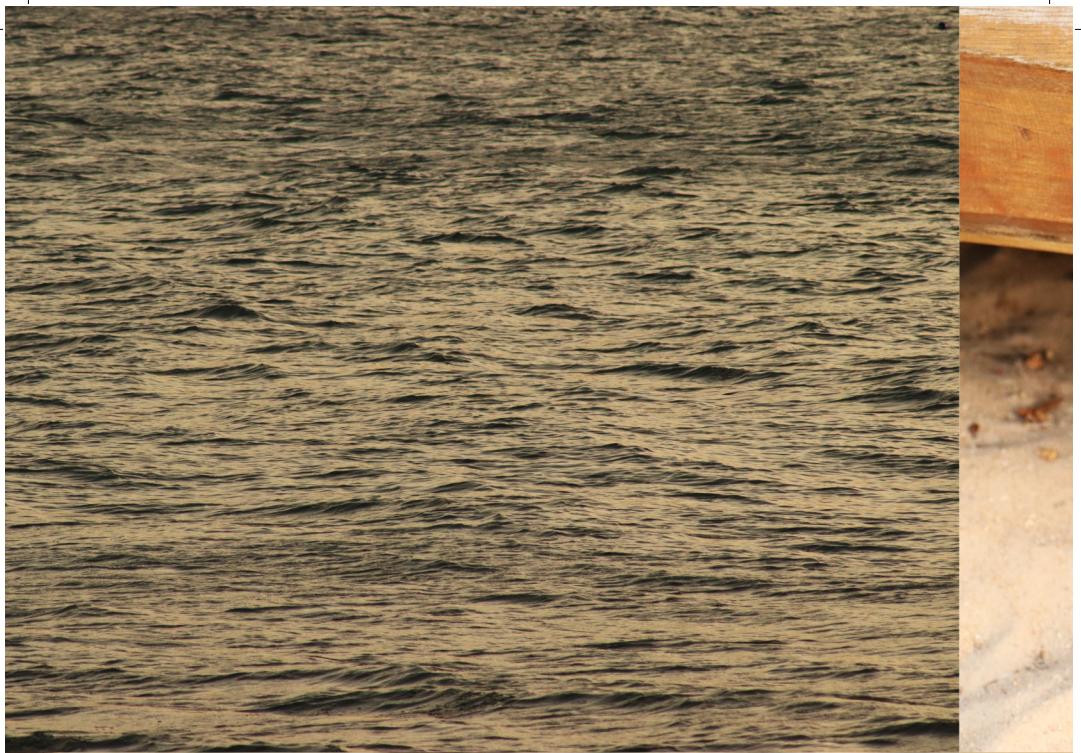
de Camaragibe; Joaquim Faustilino de Sant'Ana contava 41 anos e era natural da Barra de São Miguel; naturais de Coruripe eram Eugênio Antônio de Oliveira, de 25 anos, e Pedro Ganhado da Silva, de 36 anos.

Ainda em 1923 seria construído um monumento relativo ao feito na Praia de Pajuçara, desaparecido com o tempo. Um segundo seria construído em 1974 e um terceiro em 2018.

Mas qual exatamente o feito monumentalizado? O monumento de 1974 referencia a jangada **Independência**, que fez o raid Maceió-Rio em 1922, sem qualquer referência aos homens que a conduziram. O de 2018, que também reproduz uma jangada e é logicamente batizado “Monumento Jangada Independência” é ladeado por uma placa onde é possível ver os rostos de Mestre Umbelino, Joaquim, Eugênio e Pedro, mas cujo texto os classifica como “quatro aventureiros” deixando subentendido que a aventura fora o raid.

Aventura mesmo foi aquela mobilização nacional de trabalhadores para sair das sombras do escravismo e pleitear acesso à cidadania

*Página oposta, de cima para baixo: vista dos prédios do início da Pajuçara, a partir do monumento de 2018 e vista panorâmica do monumento; placa afixada no monumento de 1974, em outro pondo praia da Pajuçara.*





*Em cima, à esquerda, detalhe do mar da Pajuçara; à direita, detalhe da parte inferior do monumento de 2018. Embaixo: à esquerda, detalhe do "chão" da jangada; à direita, vista da Pajuçara, do ângulo de visão da jangada. Todas as fotos foram tiradas no fim de tarde.*



*Detalhe da estátua da Mãe Preta.*

Praça 13 de Maio

# Estátua da Mãe Preta

**Os registros de meados da década de 1880** nomeiam o lugar como Rua da Senzala. Após 1888 passou a ser Rua 13 de Maio em referência à data em que foi assinada a Lei nº 3.353 na qual foi “declarada extinta (...) a escravidão no Brasil”.

Densamente povoada por população negra, a região seria historicamente dinamizada por suas muito diversas manifestações religiosas e lúdicas. Mas, talvez exatamente por isso, a rua e seu largo esperaram décadas por obras urbanísticas. A pinguela de madeira sob o Rego da Mata foi substituída por uma ponte de concreto



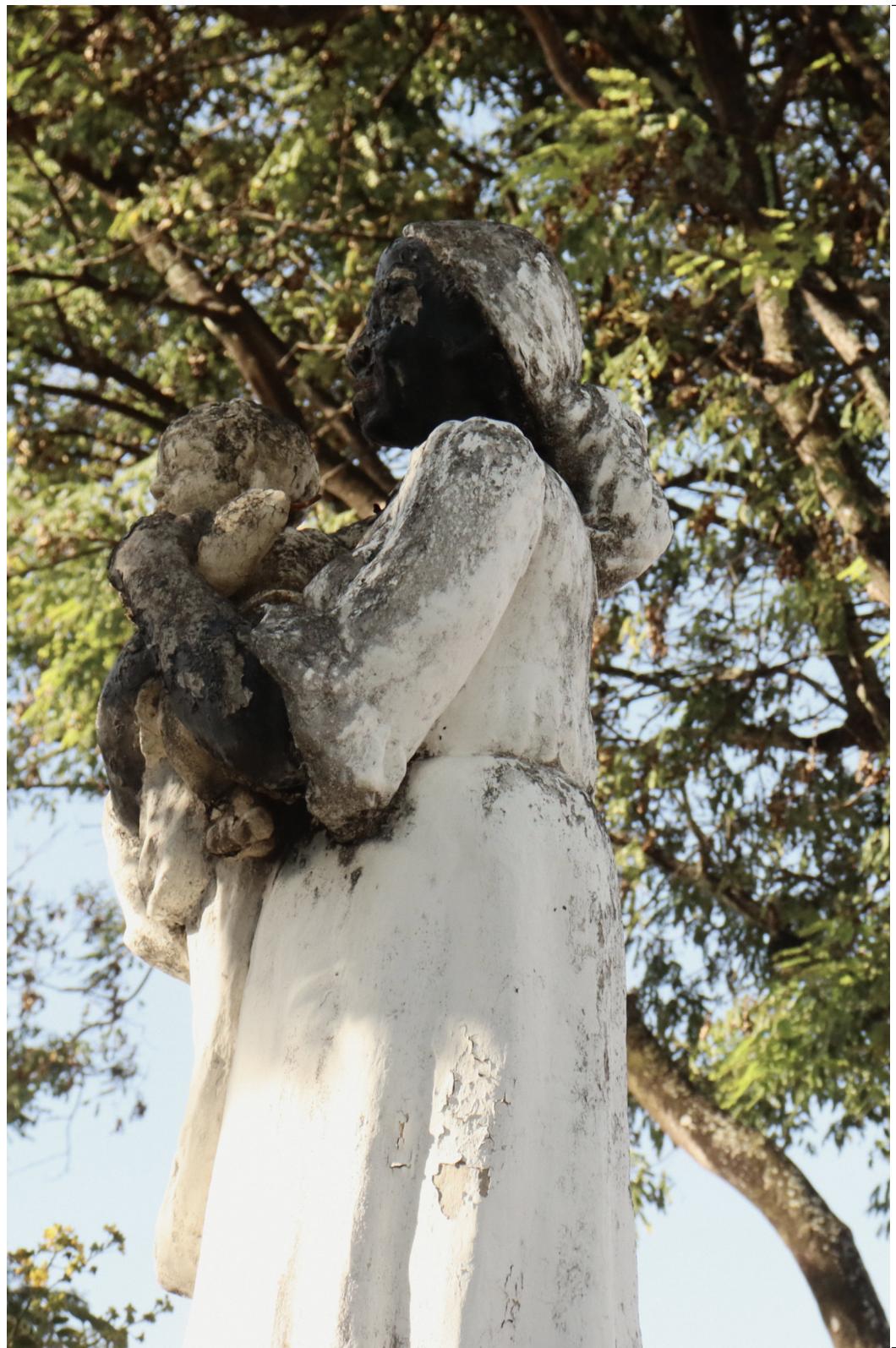
“*Na representação da babá negra com o bebê branco nos braços não cabem os seus filhos negros.*

apenas em fins da década de 1940 e a pavimentação do espaço ocorreu nos idos de 1960. Na sequência foi erigida a estátua da Mãe Preta, em 1968, no 80º aniversário da Lei Áurea.

“Mãe Preta” é uma expressão tradicional para designar mulheres exercendo a função de ama, sendo “mãe” filhos alheios, que foram eles próprios seus proprietários ou seus patrões: uma prática social de longa duração na sociedade brasileira. Sua presença no centro da Rua 13 de Maio atesta a permanência muito viva do passado escravista em nosso

Página oposta de cima para baixo: imagem do coreto no entorno da praça; placa afixada na base da escultura; detalhe da criança.



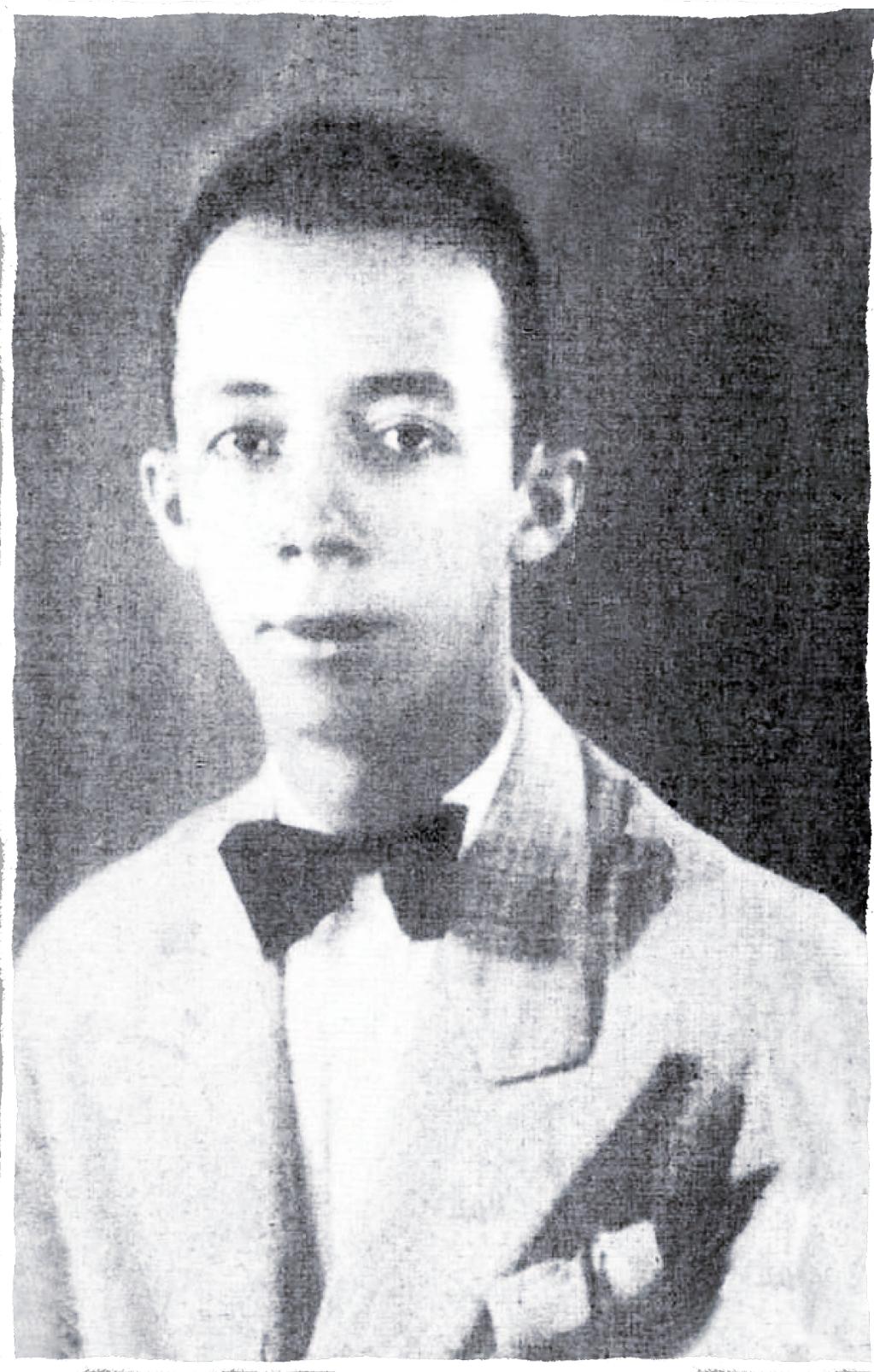




cotidiano: a ainda perene incompletude da Abolição.

Na representação da babá negra com o bebê branco nos braços não cabem os seus filhos negros. A inscrição ao pé da estátua: “Os maceioenses à Mãe Preta pelo muito que devemos a ela”, mesmo nos sugere que “os maceioenses” sejam os filhos das famílias brancas cuidados pela Mãe Preta, estando ela e seus filhos excluídos dessa cidadania.

Embora a leitura contemporânea da Mãe Preta enquanto símbolo aponte para a persistência das relações escravistas, tradicionalmente ela foi evocada para representar vínculos íntimos e amorosos existentes entre as amas e suas senhorinhas e senhorinhos e, portanto, uma tentativa de significação da escravidão como um regime baseado em relações de alguma maneira doces. O que é uma perversão da história. Também a Mãe Preta foi evocada para atestar a contribuição da população negra para a sociedade brasileira, que seria, portanto, a prestação de serviços para outros. Que esse monumento tenha sido erigido exatamente numa região densamente habitada por população negra indica o sentido pedagógico a que a construção se propôs.



# Praça Carlos Paurílio

A Lei nº 302, de 8 de outubro de 1953, batizou como Largo Carlos Paurílio “a extensão de terra desocupada” na confluência das ruas São José, Cícero Torres e Santa Fé, no bairro da Ponta Grossa. Passados quase 70 anos, o espaço continua desprovido de qualquer referência ao quase desconhecido homem “moreno, bem moreno”, como o descrevera seu contemporâneo Valdemar Cavalcanti.

Carlos Malheiros da Silva viveu entre 1904 e 1941, tendo nascido e morrido em Maceió. Adotaria Carlos Paurílio na assinatura de seus poemas e contos, numa referência ao pai, Hipólito Paurílio, violinista e empreendedor de salas de cinema. O irmão de Carlos, Antônio Paurílio seria

compositor e pianista, com popular atuação em emissoras de rádio, tanto em Pernambuco, quanto em Alagoas.

Carlos Paurílio foi ativo participante da vida literária local entre as décadas de 1920 e 1930, estando engajado nos movimentos modernista e regionalista. Paralelamente, trabalhou como revisor na Imprensa Oficial.

Aurélio Buarque de Holanda identificaria a tristeza como nota habitual da literatura de Carlos, “a mesma história de um incompreendido (...), de um destino mutilado, de uma vida em pedaços – pedaços donde por vezes escorre sangue”, com cada personagem “gemendo em surdina a sua desolação”.

Leituras contemporâneas da obra de Carlos Paurílio podem localizar a causa da mutilação dos destinos de suas personagens nas características da estrutura social brasileira. Exemplo disso está no conto “Rua da Lama”, de 1938. Situada no perímetro da atual Rua Dr. Pontes de Miranda, no Centro, a Rua da Lama é exclusivamente lembra-

*Página oposta, de cima para baixo: frontispício da publicação Festa da Nova, na qual Paurílio colaborava; frame de Casamento é Negócio, filme de Guilherme Rogato, cujos letreiros/legendas são de Carlos Paurílio.*





da em outros registros literários, além da crônica local, como zona de meretrício. Ao abordá-la, Paurílio traz à cena a angústia de Rodrigo: o jovem que passa a noite em vigília estudando escrituração contábil, mas sabendo que “apesar de toda sua coragem, de todo seu orgulho, de todo seu sacrifício, o futuro lhe surgia incerto, obscuro”.

Paralelo ao estudo, a vigília ocorria para impedir que a casa fosse invadida e sua mãe estuprada. A narrativa deixa implícito que por morar na Rua da Lama, Noêmia – a mãe de Rodrigo – estaria automaticamente disponível ao desejo masculino. “A razão de seu nome (Rua da Lama)

*Página oposta: comércio informal e moradores das redondezas sob a árvore da praça.*





Vista da Praça Carlos Paurílio.

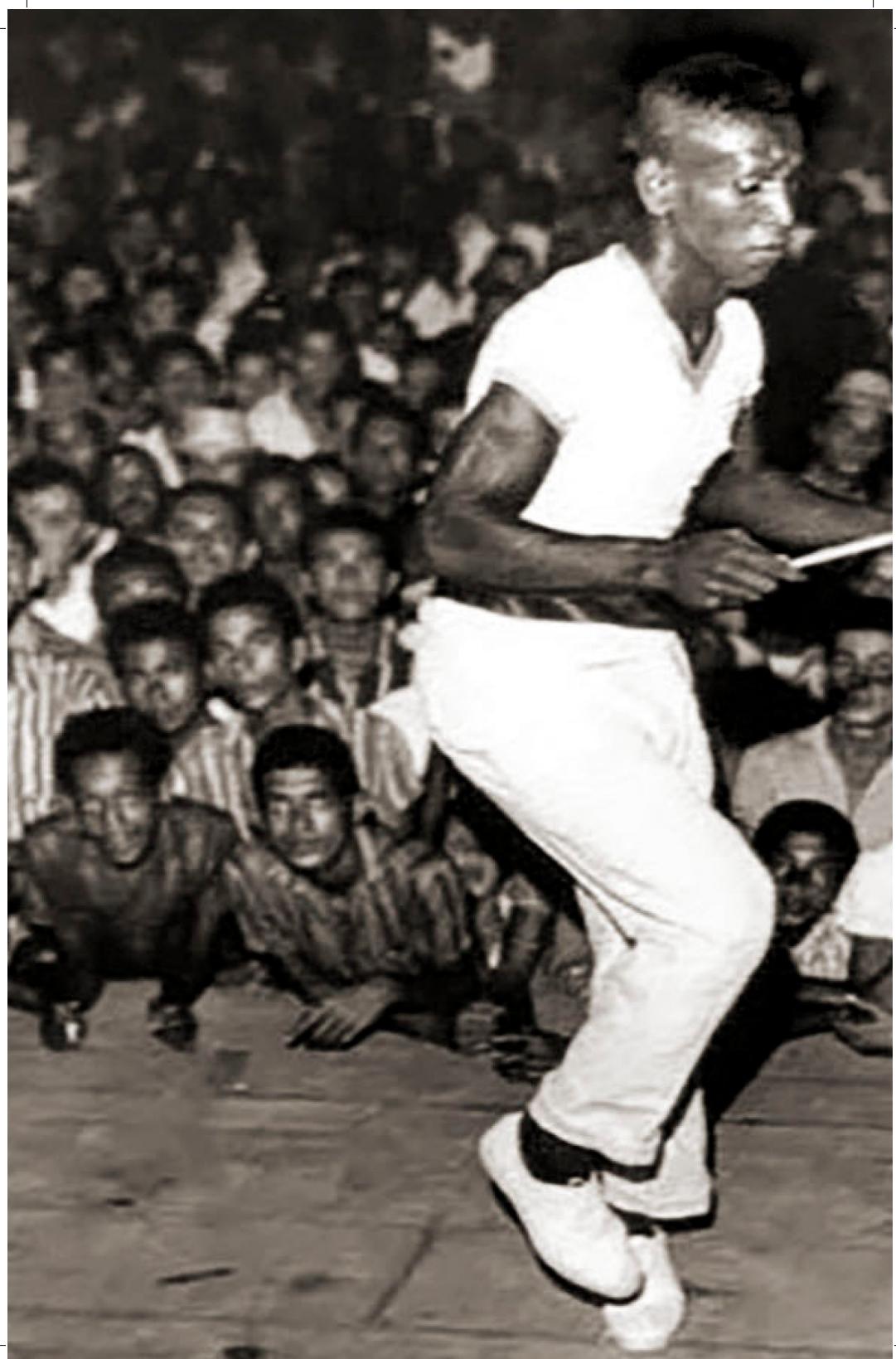


# Praça Moleque Namorador

Em 1927 fazia sucesso no teatro de revista no Rio de Janeiro, capital do país, a canção Moleque Namorador de Hekel Tavares que trata dos flertes de um “nego frajola”. Naquela mesma época chegava a Maceió Armando Veríssimo Ribeiro, que nascera no dia 11 de junho de 1919 em São Luís do Quitunde, interior alagoano, ficando conhecido como Moleque Namorador.

Circulando nas ruas a trabalho, primeiro como entregador de jornais (gazeteiro) e, depois, engraxate, teria construído simultaneamente reputação como músico, dançarino, maloqueiro e maconheiro.

*Página oposta: detalhe do chapéu de metal da escultura no centro da Praça Moleque Namorador.*

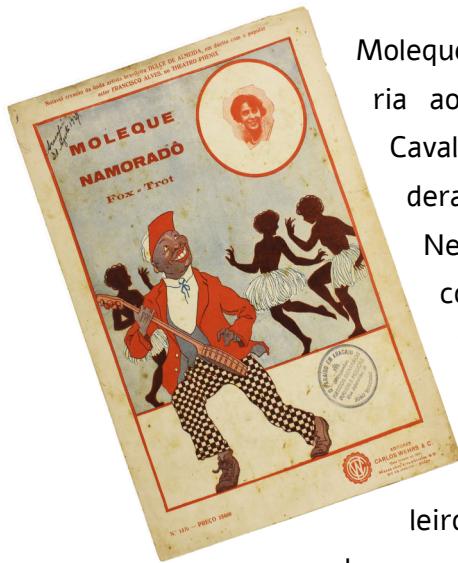




Em Maceió, “malocas” eram habitações coletivas cavadas na areia da praia, tendo uma tábua como porta e uma chaminé por onde sair a fumaça do fogo feito subterraneamente. Cada maloca era habitada por três ou quatro garotos em situação de rua: eles eram os maloqueiros. O conjunto mais famoso de malocas existia na Praia da Avenida, próximo ao Clube Fênix, e seu líder era exatamente o Moleque Namorador.

Aquele local era demasiado próximo das áreas então nobres da cidade! Naqueles meados da década de 1930, a maconha – que até então era encontrada nos raizeiros do Mercado Municipal – tinha sua venda proibida e sua utilização reprimida pela força policial. No discurso público, maloqueiros e maconheiros tornam-se sinônimos e a ação repressiva ganha um foco direto.

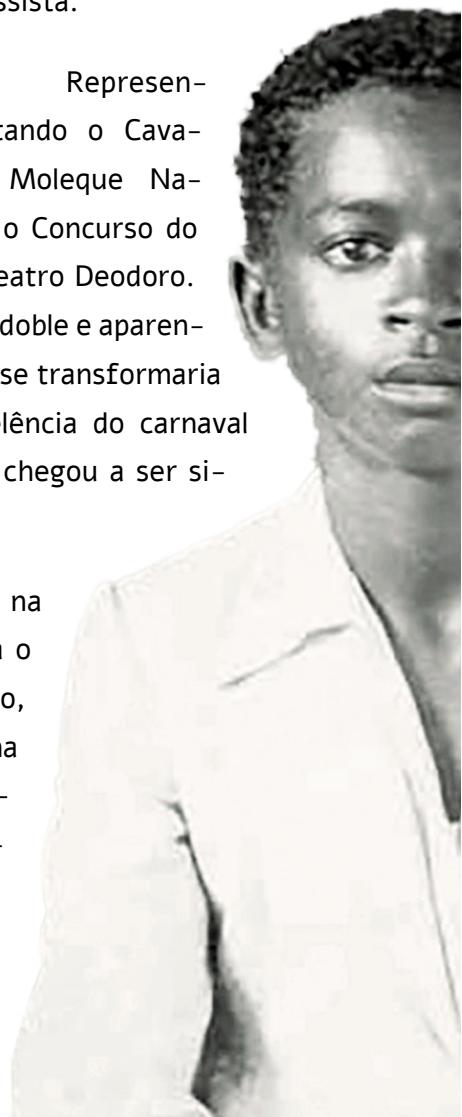
Apesar disso, a popularidade como músico do chefe dos maloqueiros crescia. José Maria da Rocha o identificou como pandeirista, batuqueiro, tocador de reco-reco e realejo. Mas seria através de outro engraxate, o Ras Gonguila, que

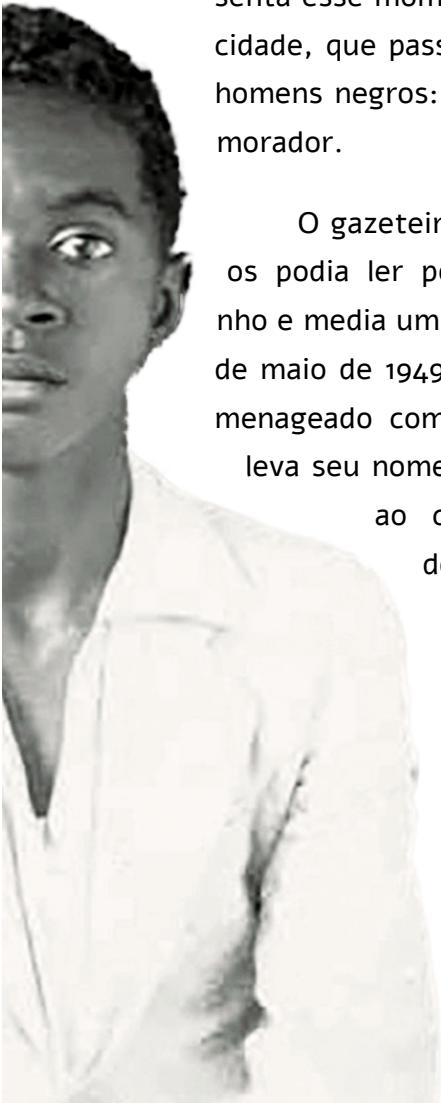


Moleque Namorador chegaria ao clube carnavalesco Cavaleiro dos Montes, liderado por Gonguila. Neste clube, Armando consagrou-se como passista.

Representando o Cavaleiro, Moleque Namorador venceu o Concurso do Passo, ocorrido em 1937 no Teatro Deodoro. "O passo", inspirado no passo doble e aparentado com o frevo e a marcha, se transformaria na música e dança por excelência do carnaval maceioense. "Fazer o passo" chegou a ser símbolo de brincar o carnaval.

O carnaval se imporia na passagem do século XIX para o século XX enquanto cortejo, festa de rua, mas é apenas na década de 1930 que assume feição popular e de representa-





ção nacional. Na capital do país é o momento de consagração social do samba. A vitória do Moleque Namorador como passista, representando o Cavaleiro dos Montes, clube popular sediado na Ponta Grossa, dentro do Teatro Deodoro, espaços das elites sociais locais, representa esse momento de virada no carnaval da cidade, que passa a ter como expoentes dois homens negros: Ras Gonguila e Moleque Namorador.

O gazeteiro que vendia jornais mas não os podia ler pois analfabeto, era magrinho e media um metro e meio. Morreu em 08 de maio de 1949. Doze anos depois seria homenageado com a construção da praça que leva seu nome. A homenagem era estendida ao clube carnavalesco Cavaleiro dos Montes.

As reações de setores da opinião pública foram fortes, havendo tentativas de mudar o nome do pequeno largo. Os argumentos podem

Página oposta: capa do **XXXX**, fox-trot de Heckel Tavares. Ao centro, foto de Armando Veríssimo Ribeiro, o Moleque namorador, quando jovem.

ser resumidos na definição do médico e folclorista Abelardo Duarte: Moleque Namorador fora “o rei da maconha, como viciado” e ponto final. O nome não foi mudado, ao contrário, ali surgiria um polo carnavalesco que ficou conhecido como “o quartel general do frevo”.

A praça fica numa confluência de ruas, de muitos blocos carnavalescos e terreiros de xangô. Ali estava em 1961 a primeira sede da Federação dos Cultos Afro-Umbandistas de Alagoas, órgão surgido na década de 1950 para negociar com o poder público o direito dos xangôs ao livre exercício religioso.

Não se sabe de quem foi a ideia de plantar as duas acácas na praça, mas devido ao seu significado para aqueles religiosos, muito desses devem ter se regozijado.

*Página oposta: detalhes da escultura e vista da Praça Moleque Namorador.*



# PARTICIPARAM DA ELABORAÇÃO DESTA CARTILHA



Jeferson Santos é Coordenador do Instituto do Negro de Alagoas - INEG/AL. Doutor em Ciências Sociais - PUC-SP, é autor do livro "O que restou é folclore: o negro na historiografia alagoana".



Mariana Marques é ilustradora, graduada em História (UFAL), Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (UFMG) e pós-graduanda em História de Alagoas (IFAL). É membra do INEG/AL (Instituto do Negro de Alagoas), da Rede Museologia Kilombola e integra o coletivo Nacional Trovoa .



Paulo Victor de Oliveira é egbon do Axé Pratagy (Riacho Doce, Maceió - AL). Graduado em Economia e Mestre em Sociologia pela UFAL, com a dissertação "A perseverança e o silêncio: Ensaio sobre a disjunção nas narrativas sobre religiões afro-brasileiras em Maceió".

Marcelo Ferreira Marques é músico, compositor e integrante da banda Gato

Zarolho. Doutor em Letras - UFAL, é professor de Literatura no Curso de Letras da UFAL Campus Arapiraca.



Ana Clara Alves - Advogada no ACM Advocacia, Pós Graduanda em Proteção e Uso de Dados pela PUC/MG, Presidente da Comissão de Promoção de Igualdade Racial da OAB/AL assessora Parlamentar.



Jéssica Conceição é professora da rede estadual de Alagoas e mestrandona em Geografia/PPGG-UFAL.

É fotógrafa e desde 2014 tem se dedicado principalmente à fotografia documental, voltando o seu olhar para a cultura e para as negritudes alagoanas. No audiovisual participou da realização do curta-metragem Bumba Meu Jaraguá (Direção Coletiva, 2015) e Angelita (2016) – no qual assumiu a função de direção. Fez a Assistência de Direção de Arte do filme As Melhores Noites de Veroni (2017) de

Ulisses Arthur, e fez a Assistência de Câmera dos filmes Onde Você Mora? (2017) e Corpo D'água (2018) produzidos pelo Ateliê Sesc de Cinema e assinado coletivamente. Integrou equipe de curadores dos Festival Alagoanes de cinema.



### Praça Carlos Paurílio

431, R. São José, 361 -  
Ponta Grossa, 57014-800

### Praça Moleque Namorador

R. José Ferreira de Araújo - Ponta  
Grossa, 57014

### Praça Zumbi dos Palmares

Centro, 57020-903

### Praça 13 de Maio

Tv. 13 de Maio, S/N - Poço, 57025-420

# Enderéçô dos monumentos e praças

## Praia da Sereia

Riacho Doce, Maceió - AL, 57039-542

## Praça Ganga Zumba

Av. Brigadeiro Eduardo Gomes de Brito, 616 - Cruz das Almas 57038-230

## Praça Dandara

R. José Lourenço de Albuquerque - Jatiúca, 57035-630

## Praça Unidos do Poço

R. Tito de Barros, 96 - Poço, 57025-700

## Jangadeiros Alagoanos

Av. Silvio Carlos Viana - Ponta Verde, 57035-160

**Impressão e acabamento**

Gráfica Mascarenhas Digital LTDA

Esta cartilha, que tem dimensões de 13,5 cm X 21cm, foi feita em papel Couchê Brilho 150gm/m<sup>2</sup> e Triplex 250gm/m<sup>2</sup>. As fontes utilizadas são a Actor, para os títulos, a Alef e a Platino Linotype para o corpo do texto e legendas, e a Barlow Condensed para os demais textos.